

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM RELAÇÃO AO TRABALHO COM ALUNOS AUTISTAS

WEBBER, Lillian de Liz;¹
FREIRE, Nadinny Mercês de Paula;¹
SBARDELOTTO, Dirléia Aparecida.²

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar os conhecimentos dos professores de Educação Física em relação ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) para mapear as necessidades de informações e esclarecimentos nessa área tão pouco conhecida e assim melhor preparar os profissionais que venham a trabalhar com pessoas que necessitem de cuidados especiais. No processo de aprendizagem do aluno com TEA, o professor de Educação Física deve ter plena consciência do seu papel que é fundamental no desenvolvimento desse aluno, sempre acreditando na sua capacidade. Desta forma o estudo foi de campo tipo descritivo qualitativo realizado de modo transversal, sendo realizada uma entrevista de maneira individual. A população do estudo foi de 05 professores de Educação Física que atuam na Escola Especial do Município de Cascavel – PR. Respondendo o objetivo do estudo, todos os professores se dizem preparados para trabalhar com o TEA, porém estão em busca de novos conhecimentos que possam agregar na formação dos mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial, Autismo, Educação Física, Professores.

1. INTRODUÇÃO

O Autismo é um distúrbio do desenvolvimento humano que vem sendo estudado pela ciência há décadas, porém ainda permanecem muitas dúvidas e incertezas sobre as reais causas quando, ainda há diversas hipóteses e grandes questões para se debater e entrar em um consenso (SANTOS, 2015). De acordo com Silva e Ribeiro (2012) o termo autismo é classificado como uma desordem do neurodesenvolvimento com início precoce e curso crônico, não degenerativo. O transtorno autista caracteriza-se pelo comprometimento severo e invasivo em três áreas do desenvolvimento: incapacidades de interação social; incapacidades de comunicação; problemas de comportamento; interesses e atividades estereotipadas. O mesmo acomete cerca de cinco entre dez mil nascidos e é quatro vezes mais comum nos meninos do que nas meninas. É uma enfermidade encontrada em todo o mundo e em famílias de toda configuração racial, étnica e social. (GOLDBERG, 2005)

¹Acadêmica do 8º período do Curso de Educação Física do Centro Universitário FAG. Email: lillian.deliz7@gmail.com

¹Acadêmica do 8º período do Curso de Educação Física do Centro Universitário FAG. Email: nadinypaulafreire@gmail.com

²Professora docente do curso de Educação Física do Centro Universitário FAG email: dirleia@faf.edu.br



Assim os Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), que incluíam o Autismo, Transtorno Desintegrativo da Infância e as Síndromes de Asperger e Rett foram absorvidos por um único diagnóstico, Transtornos do Espectro Autista (TEA). A mudança refletiu a visão científica de que aqueles transtornos são na verdade uma mesma condição com gradações em dois grupos de sintomas. E suas características são: Déficit na comunicação e interação social, padrão de comportamentos, interesses e atividades restritos e repetitivos. (ARAÚJO, NETO 2014).

Ao que se sabe o TEA é ainda uma incerteza, apesar dos estudos recentes afirmarem que está estritamente ligado aos fatores genéticos, portanto os métodos para serem trabalhados com sujeitos que o possuam, variam de pessoa para pessoa. Na atualidade já existem métodos de intervenção que visam diminuir os comportamentos problemáticos, estão sendo desenvolvidos para ajudá-las a se tornarem funcionais e independentes diante da sociedade. São estes: Análise do Comportamento Aplicada (PADOVAN ABA), Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados com a Comunicação (TEACCH), Comunicação Social, Regulação Emocional e Apoio Transacional (Modelo SCERTS), Sistema de Comunicação por Troca de Imagens (PECS), Desenvolvimento Diferencial Individual e Relacional (DIR), FLOORTIME e Programa SON-RISE (BATISTA, 2013)

Um dos métodos utilizados para auxiliar o desenvolvimento da pessoa com autismo e que possui comprovação científica de eficácia é o TEACCH que é um programa estruturado que aborda diferentes materiais visuais para organizar o ambiente por meio de rotinas e sistemas de trabalho, de forma a tornar o ambiente mais acessível, esse método busca a independência e o aprendizado das crianças que possuem a TEA. Outro método bastante utilizado é o PECS que é uma metodologia de comunicação através de troca de imagens, é um instrumento precioso tanto na vida das pessoas com autismo que não desenvolvem a linguagem falada quanto na vida daquelas que apresentam dificuldades ou restrições na fala. E por fim e não menos importante a PADOVAN ABA, que é um programa de análise dos comportamentos fundamentais de acordo com o condicionamento operante e também para estimular os comportamentos significativos, reduz os comportamentos indesejáveis e desenvolve habilidades, possui também vários métodos de ensino e tratamento sendo eles: Tentativas discretas; Análise de tarefas; Ensino incidental e Análise funcional (AMA, 2011).

Sendo assim é de suma importância que os professores sejam capazes de atender as necessidades dos alunos ainda mais quando se fala na educação especial, onde o aluno exige uma atenção maior por parte do professor. Esse professor precisa estar capacitado para atender este aluno. As estratégias educativas adaptadas direcionadas para o desenvolvimento da aprendizagem



de crianças com TEA requerem uma transformação que proporcione o avanço das inúmeras habilidades desse aluno. Sendo assim, as mesmas devem ser desenvolvidas visando romper as maiores dificuldades, (SILVA; BALBINO, 2015).

No processo de aprendizagem do aluno com TEA, o professor de Educação Física deve ter plena consciência do seu papel que é fundamental no desenvolvimento desse aluno, e acreditar na sua capacidade. Ainda nessa perspectiva de acordo com Farias; Maranhão e Cunha (2008), a construção de uma Educação Física verdadeiramente inclusiva pode ser caracterizada como uma grande utopia por parte de alguns educadores que lecionam para pessoas com deficiência e com TEA, mas quando os professores se interessam e modificam suas estratégias de ensino e produzem propostas com efeitos reais no processo de inclusão, estes alcançam de forma pragmática o fazer pedagógico com vistas à inclusão.

Por conseguinte o estudo tem como objetivo verificar o conhecimento de professores de Educação Física que atuam em escolas especiais e que trabalham diretamente com TEA e se estes se encontram preparados para trabalhar com um transtorno tão complexo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO OU FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Autismo (definição, causas, características, tratamento, níveis)

Plouller um médico psiquiatra introduziu em 1906 o adjetivo autista na literatura psiquiátrica, na época ele estava estudando pessoas que eram classificadas com demência precoce e mais tarde como esquizofrenia. Por vez o psiquiatra suíço Eugen Bleuler, em 1911, expandiu o termo autismo, definindo-o como perda de contato com a realidade, causada pela impossibilidade ou grande dificuldade na comunicação interpessoal (DA SILVA; RIBEIRO 2012).

O termo autismo também pode ser designado como Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma desordem do neurodesenvolvimento com início precoce e curso crônico, não degenerativo. O transtorno autista caracteriza-se pelo comprometimento severo e invasivo em três áreas do desenvolvimento: incapacidades de interação social; incapacidades de comunicação; problemas de comportamento; interesses e atividades estereotipadas. (DA SILVA; RIBEIRO; 2012).



A causa ou as causas que provoquem ou desencadeiem o autismo ainda são desconhecidas, o que se tem são teorias apresentadas ao longo dos anos que vem sendo retomadas com o objetivo de chegar o mais próximo possível da real causa desse transtorno cada vez mais frequente e devastador. O que não se pode negar é que a base genética possui as mais fortes evidências de ser o causador de TEA. Bosa (2000) em sua revisão apresenta algumas teorias que poderiam estar ligadas a origem do autismo e são elas: Teorias Psicanalíticas, Teorias Afetivas, Teorias da Mente e Teorias Neuropsicológicas. Kanner, o pioneiro de pesquisas sobre autismo, por sua vez ao decorrer da sua vida tentou explicar uma possível causa para a TEA e ao longo dos anos oscilou entre três teorias organo-mecanicista (biológica), organo-dinâmica (funcional) e psicodinâmica (psicológica) (FERREIRA, 2004). Os estudos atuais apontam que a principal causa dessa patologia seja mesmo a genética. As primeiras evidências reproduzíveis que implicam regiões cromossômicas e genes específicos nos transtornos do espectro do autismo já foram apresentadas (GUPTA; STATE, 2006).

Sendo assim os Transtornos do Espectro Autista (TEA) são distinguidos por déficits persistentes na comunicação social e nas interações sociais, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades. Os sintomas devem estar presentes no início da infância, mas podem não se manifestar completamente até que as demandas sociais excedam o limite de suas capacidades (APA, 2013).

Dentre as características dessa síndrome podemos destacar três que são conhecidas como Tríade de Perturbações Autistas ou Tríade de Wing sendo elas: déficits de imaginação, socialização e comunicação (SOUSA; SANTOS, 2005)

No domínio social, a criança apresenta comportamentos de isolamento e pode agir de forma estranha, contrariando os comportamentos aceitos socialmente. No domínio da linguagem e comunicação, a criança apresenta uma linguagem verbal e não verbal deficiente. Por fim, no domínio do pensamento e comportamento, a criança apresenta desempenhos repetitivos, obsessivos e ausência de jogo imaginativo (SOARES, 2009)

Segundo a Associação de Amigos do Autista (AMA) o tratamento deverá envolver métodos psicoeducacionais, orientação familiar, desenvolvimento da linguagem e/ou comunicação. O correto seria uma equipe multidisciplinar avaliar e entrar com um programa que seja baseado em cada indivíduo particularmente.

Os medicamentos são indicados de acordo com a comorbidade neurológica ou psiquiátrica quando os sintomas atrapalham no cotidiano do indivíduo. No entanto, atualmente não existe um medicamento específico para o tratamento do autismo (NIKOLOV; JONKER e SCAHILL 2006)



Para que se entenda quais os níveis de autismo encontrados nas pessoas que apresentam esse transtorno são classificados em três níveis, leve, moderado e grave. Recebe o nome de espectro (*spectrum*), porque envolve situações e apresentações muito diferentes umas das outras, numa graduação que vai da mais leve há mais grave. Todas, porém, em menor ou maior grau estão relacionadas, com as dificuldades qualitativas de comunicação e relacionamento social.

De modo que o indivíduo não tem um nível definitivo, pois somente se tiver a descoberta precoce ele poderá desenvolver uma melhora na interação social, e no cognitivo, então depende muito de quando o distúrbio é percebido. Quanto antes descobrir e procurar um tratamento menos prejudicado será.

2.2 Formação Profissional de Professores na Educação Especial

Para Libâneo, o professor é o mediador do conteúdo transmitido, ele deverá propor atividades que conduzam o educando para a condição de sujeito ativo da própria aprendizagem no processo de transmissão e assimilação do conhecimento, o professor precisa estar atento aos aspectos cognitivos e subjetivos do aluno para desenvolver o aprendizado e torná-lo mais significativo (LIBÂNEO, 2004)

Desta forma, entende-se que a educação escolar oferecida na rede regular de ensino para pessoas que possuem necessidades especiais deverá possuir os seguintes aspectos. 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as especialidades da clientela de educação especial. 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular. (MEC, 2016)

Com isso a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional determina que os sistemas de ensino devem certificar aos educandos com necessidades especiais entre outras, professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns. (MEC, 2016)

Sobre o que diz respeito, a formação de professores que atuam na educação especial, as políticas públicas referentes à educação vêm incentivando os sistemas de ensino brasileiros a se especializarem a demanda na qual o profissional irá atuar, e que o professor brasileiro se defronta com novas realidades e exigências a partir de medidas adotadas para o desenvolvimento de políticas



educacionais de educação básica e superior, que são pautadas por resultados que comparam, destacam ou desqualificam e determinam que todos se encaixem no que é definido/normatizado pela média, traduzidas em exigência legal na definição de padrões mínimos, criando categorias e divisões, quando tanto se fala de inclusão (GUASSELLI, 2012)

Sabe-se que é de suma importância a qualificação dos profissionais que estejam em contato com crianças que tenham alguma necessidade especial, pois apenas a graduação é pouca bagagem para temas tão amplos. Nesse contexto salienta-se que, é através do currículo que se apresentam as normas, competências e os valores para os quais as instituições de ensino pretendem trabalhar. A questão do currículo também se apresenta de maneira relevante nas reflexões destes autores, quando discutem a instituição escolar, e esta está relacionada ao conhecimento (MICHELS, 2005)

2.3 Escola Especial (APAE)

A educação especial é uma modalidade de ensino dedicada a educandos com necessidades especiais no campo da aprendizagem, originadas de deficiência física, sensorial, mental ou múltipla, quer de características como altas habilidades, superdotação ou talentos. (MEC, 2016)

A Associação de pais e amigos dos excepcionais (APAE), instituição de defesa dos direitos da pessoa com deficiência tem o dever de se comprometer e de contribuir com a construção da educação inclusiva em nosso país. A educação inclusiva é necessária e fundamental para a inclusão social. Sem o acesso à escola, dificilmente as pessoas com deficiência intelectual e múltipla conseguirão cumprir a sua cidadania com perfeição (FEAPAES, 2011)

Em todas as fases de organização das ações de aprendizagem oferecidas pela escola especial da Apae, a Educação Física e as Artes serão oferecidas na dimensão educativa. Essas duas atividades compreendem os aspectos educativos da linguagem em sua abordagem mais lúdica, integrativa, de apropriação do corpo, do movimento e são oferecidas às pessoas em seu trajeto escolar, tendo-se em vista que essas linguagens são necessárias ao processo de aprendizagem e ao desenvolvimento das pessoas com deficiência intelectual e múltipla.

Deste modo a Educação Física deve incluir o movimento e a ludicidade como aspectos educacionais indispensáveis, e deve oferecer oportunidades educacionais adequadas ao desenvolvimento integral e à manutenção da saúde na busca de uma efetiva participação e integração social. Deve oportunizar a todos os alunos, independentemente de suas condições



biopsicossociais, o desenvolvimento de suas dimensões cognitivas, corporal, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social (FENAPAES, 2001).

3. METODOLOGIA

A pesquisa cumpriu com a resolução 466/2012 que rege a pesquisa com seres humanos obtendo o parecer do Comitê de Ética do Centro Universitário Fag sob o número 2.050.982.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com as devidas explicações sobre o objetivo, riscos e benefícios da pesquisa, foi entregue a cada professor em seguida devolvido ao pesquisador com a assinatura para assim autorizar a realização da mesma.

O estudo caracterizou-se como sendo de campo do tipo descritiva, qualitativa realizada de modo transversal. A população do presente estudo foi de 05 (cinco) professores que no estudo foram nomeados como Professor 01 (P1), professor 02 (P2), professor 03 (P3), professor 04 (P4) e professor 05 (P5) de ambos os sexos e que ministram a disciplina de Educação Física, na Escola Especial que atuam com alunos que possui o TEA. O local de estudo foi na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) do Município de Cascavel-PR.

O instrumento utilizado para coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada que foi uma adaptação utilizada do estudo proposto por Favoretto e Lamônica (2014), intitulado como “Os conhecimentos e Necessidades dos Professores em Relação aos Transtornos do Espectro Autista”. A entrevista foi composta por 15 (quinze) questões abertas e fechadas.

Para realização da coleta de dados foi agendado com a direção do estabelecimento o dia e horário. A entrevista foi realizada individualmente, foi gravada e posteriormente transcrita.

Para análise dos dados foi realizada um estatística simples analisando qualitativamente as respostas.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Analisando os dados obtidos por meio das entrevistas realizadas com os professores de Educação Física sobre os conhecimentos para trabalhar com indivíduos que possuem o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Verificou-se que a maioria dos professores ministram aulas para os alunos autistas em torno de 05 à 10 anos. Quando questionados se são capazes de ministrar aula para todos os níveis que o



transtorno possui (leve, moderado e grave), todos disseram que “Sim”. O P5 afirmou dizendo “O teórico é importante, mas cada caso é um caso e na prática a sua experiência vai ser muito importante”. Desta forma as competências e a formação do professor constituem-se desvinculadas da teoria e prática, promovida por uma cultura, ou seja, o fazer pelo simples fazer, não levando em consideração o ser que aprende e que tem características próprias. Essa concepção se mostra arcaica para a atualidade que (re)quer outros subsídios para (re)significá-la. (OLIVEIRA, SANTOS, FREITAS, 2012). Já Lampreia (2004) afirma que o autismo tem um conceito, que ainda nos dias de hoje é de contorno bastante impreciso, que pode se dar em diferentes níveis, o que afirma a importância da experiência adquirida pelos professores ao longo dos anos para atender esses alunos de maneira eficaz, e que foi comprovado pelo tempo de atuação dos professores nesse estudo.

Quando questionados se seriam capazes de indicar de modo geral as principais características do autismo, todos responderam que sim. O P3 garantiu dizendo “Resistentes a realizar atividades; movimentos repetitivos estereotipados; precisam manter rotinas, possuem resistência à mudança de rotina; tendência a ficar isolado (alguns)” e o P5 acrescentou “Possuem dificuldade de interação social, oralidade, compreensão varia de caso para caso, não gostam de barulhos”. Barros e Fonte (2016) afirmam que nem todos falam, são resistentes ao contato de outras pessoas, fogem ao olhar, não gostam de mudanças na rotina, não usam a imaginação. Marteleto et al (2011) completam dizendo que a criança com autismo não atende pelo nome, não olha para o interlocutor, não segue o olhar, apresenta atraso importante para fala. A criança com autismo apresenta movimentos estereotipados, balança as mãos, corre de um lado para o outro, insiste em manter determinados objetos consigo, fixa somente em uma característica do objeto, apresenta atraso no desenvolvimento da coordenação motora fina, grossa e de linguagem.

É importante ressaltar que existem vários níveis de TEA e essas características podem variar de indivíduo para indivíduo e a intensidade de suas atitudes também, alguns podem ser bem tranquilos e com grandes habilidades acadêmicas. Respeitando limites e interagindo com outras pessoas.

Em relação aos pensamentos dos professores antes/depois de trabalhar com alunos autistas, a maioria respondeu que antes de trabalhar ‘pensaram que não dariam conta’, porém o P3 afirmou que “Teve coragem e encarou a situação” e que depois do trabalho buscou se aprofundar no assunto. De acordo com Orrú (2014) os educadores, devem buscar maneiras inovadoras, facilitadoras, diferenciadas e produtivas para construção de uma melhor qualidade de vida e maior aprendizado para a pessoa com TEA. Todos os entrevistados disseram receber instruções sobre o

autismo afirmando que recebem orientações direcionadas na própria escola e através de cursos. Porém muitas são as dificuldades dos profissionais, ocasionadas pela falta de conhecimento das necessidades especiais e qualificação profissional para atender o aluno com TEA. (PLAUTZ, 2017)

O quadro abaixo demonstra as questões fechadas do estudo em relação ao conhecimento do Professor no trabalho com TEA.

Quadro 1. Conhecimento dos Professores

QUESTÕES	SEMPRE	ÀS VEZES	QUASE NUNCA	NUNCA
a) Conhecimento x Suficiente		P1, P2, P3, P4, P5		
b) Inovação nas suas aulas	P1, P5	P2, P3, P4		
c) Observou alterações no comportamento	P2, P4	P1, P3, P5		
d) Sabe intervir de maneira positiva	P1	P2, P3, P4, P5		
e) O aluno apresenta potencial para aprendizado no ensino regular		P3, P4, P5	P1, P2	
f) Melhora no desenvolvimento	P4	P1, P2, P3, P5		
g) Adquiriram desenvolvimento durante as aulas		P1, P2, P3, P4, P5		
h) Participou de especialização/cursos para trabalhar com autistas		P4	P2	P1, P3, P5
i) Busca de atualização para trabalhar com autista	P1,P3,P4,P5	P2		

De acordo com o quadro 1, todos disseram que seu conhecimento “às vezes” é suficiente, isso se deve pela mudança de temperamento que pode ocorrer com esses indivíduos. Outra pergunta foi se eles buscam inovação em suas aulas, a maioria disse que “às vezes”. Até por que os autistas não se adaptam com mudanças, então os professores devem tomar muito cuidado com a modificação de uma atividade para outra. A maioria também respondeu que “às vezes” notam mudanças no comportamento dos mesmos e que conseguem intervir de maneira positiva perante atitudes diferenciadas dos alunos.

Mesmo com as dificuldades apresentadas, quando foram questionados se determinados alunos apresentam potencial para aprendizado no ensino regular a maioria dos professores respondeu que “às vezes”, pois na escola especial o aluno tem um atendimento diferenciado para melhorar seu desenvolvimento, e no ensino regular ele teria que acompanhar o rendimento da turma e se isso não



for possível afetaria muito o seu desenvolvimento. Para complementar essa resposta do professor, Plautz (2017) afirma que o aluno autista apresenta dificuldades em fazer as atividades propostas nas aulas e há necessidade de ter aulas redirecionadas a fim de contemplar essas necessidades atendendo assim a todos na turma. Segundo a Cartilha de Direitos das Pessoas com Autismo (2011), cada caso deve ser analisado individualmente pela equipe pedagógica e de saúde que acompanha o mesmo. Alguns se adaptam bem à escolas regulares, porém em salas menores, com suporte, ou até em salas especiais. No entanto alguns indivíduos geralmente, com outras deficiências associadas, se adaptam melhor à escolas especiais. Depende das características individuais de cada um, do momento de vida e de desenvolvimento no qual está.

Quando se fala em melhora no desenvolvimento, e se adquiriram desenvolvimento durante as aulas, os professores responderam que “às vezes”, porém se estimulados o desenvolvimento tende a aparecer em cada indivíduo que possui o TEA. Por outro lado à maioria dos professores responderam que “nunca” participaram de uma especialização/curso para trabalhar especificamente com os autistas, mas ressaltaram que já realizaram cursos para trabalhar com todos os tipos de necessidades especiais e outra questão é se eles buscam se atualizar para trabalhar com o TEA sendo que a maioria respondeu “sempre”. Considera-se muito importante esse interesse dos professores em se especializar para trabalhar com este público, que necessita muito de auxílio para melhorar seu desenvolvimento e conseqüentemente adquirem maior independência. Segundo Teodoro, Godinho e Hachimine (2016) o professor também deve estar bem preparado para atender os alunos autistas e suas peculiaridades, buscando obter uma formação continuada, cursos na área da educação especial e refletir sobre o tema, o mesmo deverá fazer as adaptações curriculares necessárias, para que o aluno com TEA também aprenda como os demais alunos.

Para finalizar, foi solicitado que os professores fizessem algumas sugestões para quem está iniciando o trabalho com alunos autistas, a maioria afirmou que é preciso ter amor pelo que faz, sendo que o P1 afirmou que “É preciso ter força de vontade estar apto para o aprendizado e aberto a sugestões/novos conhecimentos, deve gostar do que faz, pois o aluno percebe se você gosta ou não gosta, percebe a resistência, e também devemos planejar atividades direcionadas” Antunes *et al* (2014) concordam que o amor e a paciência são importantes para a educação especial à dedicação e o acolhimento para trabalharem com esse tipo de público. Já o P4 disse que “Leitura sobre o autismo, observar aulas em uma escola especializada, adaptar as atividades e enfim estar preparado para trabalhar com a individualidade” Silva e Balbino (2015) afirmam que atividades adaptadas devem ser trabalhadas para despertar o interesse do aluno, fazendo com que este se encontre



estimulado para que desta forma, ocorra uma evolução contínua no processo de ensino-aprendizagem. Oliveira, Santos e Freitas (2012) acrescentam que o professor é um elemento chave na organização das situações de aprendizagem, pois lhe compete dar condições para que o aluno aprenda a aprender, desenvolvendo situações diferenciadas, estimulando a articulação entre saberes e competências, ao mesmo tempo este professor se (trans)forma.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o objetivo proposto podemos concluir que todos os professores estão preparados para trabalhar com os alunos que possuem o transtorno espectro autista (TEA).

Os dados demonstraram que para trabalhar com a educação especial no geral, não somente com os autistas, os professores devem ter dedicação pelo que está fazendo, atender o aluno de maneira direcionada, saber intervir quando houver alterações em seu comportamento, estimularem o aluno para um melhor desenvolvimento, trabalhando com atividades diferenciadas que chame atenção deles e acima de tudo amor pelo que está fazendo.

Conclui-se também que apesar da experiência e conhecimentos adquiridos pelos professores de Educação Física ao longo dos anos, ainda não é suficiente para trabalhar com todos os alunos que possuem TEA. Os mesmos devem buscar atualização constante sobre o assunto, pois cada aluno é único existindo muitas perguntas sem respostas para um transtorno tão enigmático.

Desta forma sugerem-se estudos futuros buscando analisar o desenvolvimento desses alunos durante as aulas de Educação Física, tanto em escola especial, como no ensino regular.

REFERÊNCIAS

AMA - ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO AUTISMO.. 2011 Disponível em: <http://www.ama.org.br/site/tratamento.html> Acessado em 29 de maio de 2016

APA – American Psychological Association 2013 Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-: DSM-5. Artmed Editora Disponível em: <http://www.apa.org/search.aspx?query=autismo> Acessado em: 27 de maio de 2016

ARAÚJO, Á. C.; NETO F. L. A.. Nova Classificação Americana Para os Transtornos Mentais – o DSM-5 2014. Acessado em 06 de agosto de 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v16n1/v16n1a07.pdf>

BATISTA A. A.. Relato de caso clínico e revisão de literatura de paciente com transtorno global do desenvolvimento. 2013. Disponível em:

<http://www.uel.br/graduacao/odontologia/portal/pages/arquivos/TCC2013/ALINE%20ADRIANA%20BATISTA.pdf> Acessado em 04 de junho de 2016. **Estudos**, v. 39, n. 4, 2012. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/estudos/article/view/2670/1632> Acessado em 27 de maio de 2016.

BRASIL. Ministério da educação 2016. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/33902> Acessado em 05 de junho de 2016

BOSA C.. Autismo: breve revisão de diferentes abordagens. **Psicol. Reflex. Crit. Vol.13**; 2000
Disponível em:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/107464/000293770.pdf?sequence=1>
Acessado em 15 de maio de 2016

CARTILHA DE DIREITOS DAS PESSOAS COM AUTISMO. **Revista autismo** 2011. Disponível em: <http://www.revistaautismo.com.br/CartilhaDireitos.pdf> Acessado em 26 de setembro de 2017

FARIAS, I. M.; MARANHÃO R. V. A.; CUNHA A. C. B.. Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva: análise do padrão de mediação do professor com base na teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada. 2008. Disponível em:

https://scholar.google.com.br/scholar?q=farias+maranhao+cunha+2008&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5 Acessado em: 16 de maio de 2016.

FEAPAES. Federação das Apaes do estado de Minas Gerais. 2011. Disponível em:

<http://www.uniapaemg.org.br/wp-content/uploads/2013/06/publicacao-projeto-aguia-escola-especial.pdf> Acessado em 06 de junho de 2016

FENAPAES. Federação Nacional das Apaes. 2001. Disponível em:

<https://www.apaebrasil.org.br/#/> Acessado em 06 de junho de 2016

FERREIRA S. S.. Autismo: descrição, etiologia e sintomatologia clínica. 2004. Disponível em:

<http://ninar.com.br/wp-content/uploads/2015/03/tese-cap-2-autismo-descricao-etilogia-e-sintomatologia.pdf> Acessado em 28 de maio de 2016

GOLDBERG K. AUTISMO: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO – EVOLUTIVA. 2005.

Disponível: <http://www.revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/263/482> Acessado em: 05 de agosto de 2017.

GUASSELLI. M. F. R.. Formação de professores para educação especial: Fronteiras entre a produção do ensino/pesquisa e a prática na educação básica. 2012 Disponível em:

http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_Comunicacao_e_Tecnologias/Trabalho/06_07_24_261-7231-1-PB.pdf Acessado em 30 de maio de 2016

GUPTA A. R, STATE M. W.. Autismo: genética. **Rev Bras Psiquiatr.** 2006;28(Supl I):S29-38.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s1/a05v28s1.pdf> Acessado em 11 de maio de 2016.



LIBÂNEO J. C.. A aprendizagem escolar e a formação de professores na perspectiva da psicologia histórico-cultural e da teoria da atividade. **Educar, Curitiba**, n. 24, p. 113-147, 2004. Editora UFPR Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a06.pdf> Acessado em 03 de junho de 2016

MICHELS M. H.. Paradoxos da formação de professores para a educação especial: o currículo como expressão da reiteração do modelo médico-psicológico **Rev. Bras. Ed. Esp.** 2005, v.11, n.2. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbee/v11n2/v11n2a7.pdf> Acessado em: 06 de junho de 2016

NIKOLOV R. JONKER J. SCAHILL L.. Autismo: tratamentos psicofarmacológicos e áreas de interesse para desenvolvimentos futuros. **Rev Bras Psiquiatr.** 2006;28(Supl I):S39-46 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbp/v28s1/a06v28s1.pdf> Acessado em 30 de maio de 2016

SANTOS J. S. O..AUTISMO E SOCIEDADE DEFINIÇÃO, REFLEXÃO E RELAÇÃO SOCIAL. 2015. Disponível em: <https://dspace.c3sl.ufpr.br/bitstream/handle/1884/42363/R%20-%20E%20-%20JULIANA%20SILVA%20OLIVEIRA%20DOS%20SANTOS.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acessado em 06 de agosto de 2017.

SILVA M. K.; BALBINO E. S.. A importância da formação do professor frente ao transtorno do espectro autista – tea: estratégias educativas adaptadas. Encontro Alagoano de Educação Inclusiva. 2015 Disponível em: <http://www.progep.ufal.br/seer/index.php/aei/article/view/2152/1630> Acessado em 17 de maio de 2016

SILVA, E. B. A.;RIBEIRO M. F. M.. Aprendendo a ser mãe de uma criança autista. **Estudos**, v. 39, n. 4, 2012. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/estudos/article/view/2670/1632> Acessado em 27 de maio de 2016.

SOUSA P. M. L.; SANTOS I. M. S. C.. Caracterização da síndrome autista. 2005 <http://www.psicologia.pt/> Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Pedro_Sousa10/publication/267808985_CHARACTERIZAO_D_A_SNDROME_AUTISTA/links/547747510cf293e2da25f98d.pdf Acessado em: 29 de maio de 2016

SOARES C. S. F.. O espectro do autista. 2009 Disponível em: <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/10000/281/2/PG-EE-2009CarlaSofiaSoares.pdf> Acessado em 29 de maio de 2016

TOMÉ M. C.. Educação Física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal de autistas. **Movimento & Percepção**, SP, v.8, n. 11 jul/dez 2007 http://ns1.toledo.pr.gov.br/sites/default/files/autista_0.pdf

ECCI

FAÇA PARTE: O FUTURO É AGORA

15º ENCONTRO CIENTÍFICO CULTURAL INTERINSTITUCIONAL
1º ENCONTRO INTERNACIONAL

